

Versão Online

ISBN 978-85-8015-053-7

Cadernos PDE

VOLUME II

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

2009

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

IEDA MARIA JANZ WOITOWICZ

Material didático-pedagógico: Unidade Temática
Imagens de mulheres na literatura brasileira:
Representações femininas nos contos de Marina Colasanti

Curitiba/PR
Agosto de 2010

IEDA MARIA JANZ WOITOWICZ

**Imagens de mulheres na literatura brasileira:
Representações femininas nos contos de Marina Colasanti**

Material didático-pedagógico apresentado
como parte das atividades do Programa de
Desenvolvimento Educacional (PDE).

Orientador: Prof. Dr. Wilton Fred Cardoso de
Oliveira

Curitiba/PR
Agosto de 2010

*“Quando nasci um anjo esbelto
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.”*

(Adélia Prado)

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Professor PDE: Iêda Maria Janz Woitowicz

NRE: Área Metropolitana Sul

IES Vinculada: UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Professor Orientador IES: Professor Dr. Wilton Fred Cardoso de Oliveira

Escola de Implementação: CEEBJA “Paulo Leminski” – Lapa

Público Objeto da Intervenção: professores de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Área: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Tema de estudo: análise de personagens femininos nos contos de Marina Colasanti

Título: Imagens de mulheres na literatura brasileira – representações femininas nos contos de Marina Colasanti

APRESENTAÇÃO

Prezados professores e professoras,

O presente material didático-pedagógico é parte integrante do projeto do Plano de Trabalho do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, em sua terceira edição.

Pretende-se com este material contemplar uma perspectiva analítica e crítica em torno dos valores culturais que constituem as representações de gênero. Ao discutir as obras de Marina Colasanti, busca-se refletir sobre as imagens de personagens femininas, tanto em uma perspectiva de reprodução dos estereótipos de gênero quanto em termos de uma transformação nos papéis tradicionais.

Não se pode dissociar um texto do seu caráter histórico e social; dessa forma, este material didático-pedagógico oferece aos professores e professoras encaminhamentos para aproximar os alunos da Educação de Jovens e Adultos às obras de Marina Colasanti, no sentido de enfatizar a construção do gênero e da sexualidade à luz do discurso literário.

Espera-se que os textos e atividades sugeridas nesta unidade temática permitam aos professores e professoras da rede pública aprimorar o processo de ensino e aprendizagem, pois entende-se que um dos papéis da educação consiste em promover uma formação que respeita os direitos humanos. Neste sentido, inserir o debate e a reflexão sobre as desigualdades de gênero a partir da literatura constitui um mecanismo de intervenção pedagógica que contempla as atuais tendências e exigências das práticas educativas.

Estudar e analisar contos de Marina Colasanti no espaço da Educação de Jovens e Adultos, em uma escola que atende alunos na diversidade da faixa etária, profissões, valores, crenças e aspirações significa romper paradigmas, na medida em que a literatura poderá interferir na ordem social. Trata-se de um modo de ler a obra literária sob o viés da desconstrução do caráter discriminatório das representações de gênero, construídas ao longo do tempo pela história e pela cultura.

SUMÁRIO

Introdução	p. 06
Capítulo 1: Vida Maria	p. 08
Capítulo 2: Marina Colasanti – uma voz feminina na literatura brasileira	p. 12
Capítulo 3: Imagens das mulheres nas obras de Marina Colasanti	p. 14
3.1. “A moça tecelã”: Submissão feminina e a desmistificação do casamento como fórmula de felicidade	p. 14
3.2. “Para que ninguém a quisesse”: a violência contra a mulher	p. 15
3.3. “A honra passada a limpo”: A mulher no espaço privado	p. 19
3.4. “A mulher ramada”: A perda da identidade feminina	p. 20
3.5. “Sem que fosse tempo de migração”: O patriarcado e a transgressão feminina.	p. 22
Considerações Finais: Imagens da mulher	p. 24
Referências	p. 25

Introdução

As Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa postulam uma proposta que enfatiza a língua viva, didática e reflexiva. “A prática social põe-se como ponto de partida e ponto de chegada da prática educativa”, como aponta Saviani (2007).¹

A literatura de autoria feminina brasileira é composta de obras cujas autoras ocupam um espaço significativo na literatura. A “voz da mulher” representa a possibilidade da ruptura de estereótipos e preconceitos cristalizados pelo discurso e ideologia patriarcais, significando uma metáfora da luta das mulheres pela igualdade de gênero.

Elaine Showalter (1986)² indica três etapas fundamentais no percurso das obras literárias de vozes femininas. A primeira, chamada “feminina”, é caracterizada pela imitação; a segunda, denominada “feminista”, destaca-se pela ruptura, e a terceira, chamada “fêmea”, identificada pela autodescoberta, pela busca da identidade.

Nas obras em que se evidencia as “vozes femininas”, percebe-se que a etapa feminina é impregnada do sentimento de culpa da mulher, alijada de seu “eu”. A etapa feminista enaltece o caráter de luta da mulher, contestando a figura patriarcal e, finalmente, a etapa fêmea legitima a independência da mulher e sua relação com o universo masculino; fatores estes visíveis nas obras contemporâneas.

Dentre as vozes femininas, do presente material didático-pedagógico serão objeto de estudo os contos de Marina Colasanti, identificados na etapa fêmea da literatura feminina brasileira e presentes nas obras: “Doze reis e a moça do labirinto do vento”, “Um espinho de marfim & outras histórias” e “Contos de amor rasgados”.

Para a escolha das obras, considerou-se a ênfase dada ao universo feminino, bem como a linguagem marcada pelos significados, imagens, símbolos, sugestões e ousadias. Assim sendo, foram selecionados cinco contos da autora, dentro das obras citadas, para mais de perto investigar a exposição da transgressão, das imagens e dos estereótipos femininos. Foram selecionados os seguintes contos: “A moça tecelã”, “Para que ninguém a quisesse”, “A honra passada a limpo”, “A mulher ramada”, “Sem que fosse tempo de migração”.

¹ SAVIANI, 2007, p. 420, apud PARANÁ, 2008, p. 45.

² SHOWALTER apud BARZOTTO, 2008, p. 194.

Nos textos estudados subentende-se uma ideologia, e para identificá-la é necessário estudar o contexto. Nos contos, o imaginário é uma ferramenta convincente e o uso das metáforas possibilita várias leituras. Os contos escolhidos enfatizam o conceito das relações conjugais, questionam a vida pública e privada das mulheres, a submissão ao poder patriarcal de pais e maridos, a opressão feminina, bem como o relacionamento da personagem consigo mesma. Portanto, ler contos de Marina Colasanti tomando como instrumentos os conceitos (feminino/feminista; mulher-sujeito/objeto, gênero, patriarcalismo, imagens femininas, estereótipos, etc) implica investigar as marcas ideológicas do texto, num processo de leitura crítica, que visa promover no educando mudanças de comportamento em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher a determinadas representações.

CAPÍTULO 1

VIDA MARIA

João Cabral de Melo Neto, autor de “Morte e Vida Severina”, atribui a “Severina” a simbologia da vida do nordestino; parafraseando o poeta, “Vida Maria” é a metáfora do universo feminino, materializado por tantas “Marias” responsáveis pelo sustento de aproximadamente um terço das famílias brasileiras e também as mais atingidas pelo desemprego e pela violência. “Marias” são as provedoras que exercem múltiplos papéis na família: esposa, mãe, cozinheira, faxineira, gerenciadora de crises, contadora, professora, lavadeira, jardineira, motorista, enfermeira... Diante de tantas “Marias” que vivem a busca da equidade, vamos lançar um olhar sobre as rupturas e permanências acerca das questões de gênero.

Atividade 1: Contexto social a partir de um filme

Apresentar aos alunos o curta-metragem “Vida Maria”, disponível em:

<http://eneenf.ning.com/video/vida-maria-2006-dir-marcio>

Ficha técnica:

Produção: Márcio Ramos e Joelma Ramos

Roteiro e direção de arte: Márcio Ramos

Edição de som: Márcio Ramos

Música: Hérlon Robson

Ano: 2006

Duração: 9 minutos

País: Brasil



Imagem do filme “Vida Maria”

O(a) professor(a) encaminhará os(as) alunos(as) a uma reflexão acerca das condições de vida das mulheres que não tiveram acesso à escolaridade e reproduzem, por gerações, o mesmo modo de vida da personagem Maria José.

Será oportuna, após a discussão sobre o tema do curta-metragem “Vida Maria”, uma análise da realidade das mulheres brasileiras em relação a diversos aspectos como:

trabalho, violência, salários, saúde da mulher, nível de escolarização e outros. Tais informações buscam contribuir para melhor contextualizar as condições de vida das mulheres, de modo a traçar algumas referências que podem ser problematizadas a partir da aproximação ou contraponto entre o contexto social e as imagens das mulheres na literatura.

Atividade 2: Dialogando com outro texto (“As Marias”, de Dalton Trevisan)

“Maria, filha de Maria, a filha de Maria, tem trinta e um desgostos. Lava a roupa, lava a louça, varre que varre, e a patroa - Jesus Maria José! - a patroa ralhando.

Aos sete anos, foi esquecida pela mãe na primeira esquina. Mulher cheia de filhos, não podia com mais um: deu a pobre da Maria.

Sempre em casa estranha, dormindo em cama-de-vento, comendo em pé ao lado do fogão. (...) Menina séria, não ia ao baile com as outras. No carão anêmico esfregava papel de seda escarlate molhado na língua e, mal surgia à janela, a espiar um soldadinho verde, a patroa ralhava.

(...) Maria, a filha de Maria, distraída no domingo com a Marta, viu seu coração rolar do peito e, prato que lhe escapou dos dedos gordurosos (a patroa vai ralhar?), partir-se em sete pedaços de sangue pelo chão.

Era um cabo? Maria nunca soube de que arma. Falava lindo e tão difícil (...)

Ele a levou ao circo e Maria entrou soberba como uma patroa (...)

- Ocê me deixa louco, Maria.

Sob o espanto do baleiro, anunciando "Ói a bala oi...". ela beijou a mão do cabo.

Em nove meses Maria, filha de Maria, vai ser mãe de Maria.”
(TREVISAN)³

O conto “As Marias”, de Dalton Trevisan, reproduz a história de mais uma “Maria”, mulher pobre, sofrida, explorada, que deposita na figura masculina do militar a esperança de uma vida melhor. Apaixonada, acredita nas promessas do “cabo”, engravida e é abandonada. E assim, repete-se a história estigmatizada pelas “Marias” – mulheres sem identidade, anuladas em sua condição social, sem condições de mudar o rumo de suas histórias.

³ Disponível em <http://verdevioletaazulsolar.blogspot.com/2008/11/as-marias-dalton-trevisan-maria-filha.html>. - Acesso em 04/05/2010

Atividade 3: Produção de texto

Solicitar aos alunos a produção de um texto de opinião, apontando semelhanças e diferenças entre a “Maria” do curta-metragem e as “Marias” do conto de Dalton Trevisan, apresentando continuidades e rupturas na vida das “Marias”.

Atividade 4: Direitos das mulheres e questões de gênero – um debate

Mais uma Maria: Maria da Penha



A farmacêutica Maria da Penha denomina a lei contra a violência doméstica.

Maria da Penha Maia Fernandes é uma biofarmacêutica brasileira, que lutou para que seu agressor viesse a ser condenado. Atualmente ela é líder de movimentos de defesa dos direitos das mulheres, vítima emblemática da violência doméstica.

Em 1983, seu ex-marido, o professor universitário Marco Antonio Heredia Viveros, tentou matá-la duas vezes. Na primeira vez atirou contra ela, simulando um assalto, e na segunda tentou eletrocutá-la. Por conta das agressões sofridas, Penha ficou paraplégica. Nove anos depois, seu agressor foi condenado a oito anos de prisão. Por meio de recursos jurídicos, ficou preso por dois anos. Solto em 2002, hoje está livre.

O episódio chegou à Comissão Interamericana dos Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) e foi considerado, pela primeira vez na história, um crime de violência doméstica. Hoje, Penha é coordenadora de estudos da Associação de Estudos, Pesquisas e Publicações da Associação de Parentes e Amigos de Vítimas de Violência (APAVV), no Ceará. Estava presente à cerimônia da sanção da lei brasileira, que leva seu nome, junto aos demais ministros e representantes de movimentos feministas.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Maria_da_Penha. Acesso em 05/06/2010

Lei Maria da Penha

A lei “Maria da Penha, sancionada pelo presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva, a 7 de agosto de 2006, alterou o Código Penal Brasileiro e possibilitou que agressores de mulheres no âmbito doméstico ou familiar sejam presos em flagrante ou tenham sua prisão preventiva decretada. Os agressores também não poderão mais ser punidos com penas alternativas. A legislação também aumenta o tempo máximo de detenção previsto de um para três anos, a lei ainda prevê medidas que vão desde a saída do agressor do domicílio e a proibição de sua aproximação da mulher agredida e filhos.

A Lei Maria da Penha reconhece a gravidade dos casos de violência doméstica, e retira dos juizados especiais criminais (que julgam crimes de menor potencial ofensivo) a competência para julgá-los.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Maria_da_Penha. Acesso em 05/06/2010

ATIVIDADES:

1) Sabe-se que a violência contra a mulher ocorre em todas as classes sociais. Pesquisar em revistas e jornais casos de violência contra a mulher.

2) Promover na escola palestras que abordem o tema “Plano Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres” (convidar estudiosos, membros do Conselho Municipal da Mulher, profissionais da saúde e outros).

3) Pesquisar quais são os cinco eixos norteadores do Plano Nacional de Políticas Públicas para Mulheres (PNPM) e debater com os(as) alunos(as) quais são as diferenças e desigualdades vivenciadas por homens e mulheres no ambiente escolar.

CAPÍTULO 2

MARINA COLASANTI – UMA VOZ FEMININA NA LITERATURA BRASILEIRA

Quem é Marina Colasanti?



Marina por ela mesma:

“Eu sou uma mulher que sempre achou bonito menstruar.
Os homens vertem sangue por doença, sangria ou por punhal cravado,
rubra urgência a estancar, trancar no escuro emaranhado das artérias.
Em nós o sangue aflora como fonte, no côncavo do corpo. Olho-
d'água escarlate, encharcado cetim que escorre em fio.
Nosso sangue se dá de mão beijada, se entrega ao tempo como chuva
ou vento.
(...) Eu sou uma mulher que sempre achou bonito menstruar.
Pois há um sangue que corre para a Morte.
E o nosso que se entrega para a Lua.” (COLASANTI)⁴

Marina Colasanti nasceu em Asmara, na Etiópia. Veio para o Brasil ainda menina. Em 1952, ingressou na Escola Nacional de Belas Artes. Trabalhou em jornais como editora, cronista, redatora e ilustradora, dedicando-se paralelamente à literatura. Possui mais de trinta livros publicados entre contos, crônicas, poesias, ensaios e livros infantis. Reúne em sua biografia muitos sucessos como: “Eu sozinha”, “Nada na manga”, “A morada do ser”, “Contos de amor rasgados”, dirigidos ao público adulto.

Em 1979, publicou “Uma ideia toda azul”, seu primeiro livro para crianças. Deu continuidade a esse trabalho escrevendo “Doze reis e a moça no labirinto do vento”, “O lobo e o carneiro no sonho da menina”, “Um amigo para sempre”, “Intimidade pública”, “Entre a espada e a rosa”, tendo ilustrado a maioria de suas obras infantis e juvenis.

⁴ Disponível em: <http://www.juraemprosaeverso.com.br/Biografias/MarinaColasanti.htm>. Acesso em 15/07/2010.

Marina Colasanti sempre esteve ligada ao público feminino, falando para elas, delas e com elas. Sua aproximação com as mulheres mantém-se por meio de livros de contos, palestras, cartas e revistas, principalmente a “Nova”, seu maior veículo.

Atividade 1: (Des)construindo estereótipos de gênero

O fragmento de texto abaixo, intitulado “Contra o direito ‘masculino’ de trair”, é uma crônica publicada na revista Nova que integra a obra “A Nova Mulher”, de Marina Colasanti:

“Adolescente ainda, gravei para sempre a frase de minha avó ao me dar um relógio de presente: “Esse, teu avô me deu quando, voltando de uma viagem à Suíça foi ver a amante antes de vir para casa”.

Menina, acompanhei as evoluções sexuais de meu pai com amigas de família, secretárias, vagas senhoras.

E desde sempre soube que o destino da mulher era ser traída, e suportar com elegância.

Como minha mãe, como minha avó, como todas as mulheres da longa linha que me antecedia, também fui traída e também suportei com elegância, certa de estar cumprindo corretamente o meu papel feminino. Só muito mais adiante na vida, mulher feita, parei para pensar. E então me dei conta do erro, do tremendo engodo social que a mitologia da mulher traída e do homem conquistador representavam.

(...) Aceitando a velha máxima do “homem pode”, você está se colocando automaticamente em segundo lugar, você está aceitando a existência de um segundo escalão de pessoas, o das mulheres que “não podem”. E se você própria não se respeita, por que ele haveria de fazê-lo?

Valorize-se, queira-se bem. E lembre-se, como no tempo do Amor Cortês, hoje também as mulheres podem ter educação igual ou superior à dos homens, e o domínio de suas posses.” (COLASANTI, 1980, p. 64)⁵

Por estereótipos de gênero entende-se o conjunto de crenças estruturadas acerca dos comportamentos e características particulares do homem e da mulher. “Homem não chora”, “boneca é brinquedo de menina”, “a mulher é a rainha do lar”, “homem pode”, “menina, tenha modos”... estes são apenas alguns exemplos de estereótipos que permanecem nas atitudes e comportamentos de muitos brasileiros.

Com base nesta discussão, relacione alguns estereótipos que a sociedade atribui a “homens” e a “mulheres” (observe atitudes e comportamentos na vivência familiar, no trabalho, na escola, na política).

⁵ COLASANTI, Marina. *A nova mulher*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1980.

CAPÍTULO 3

IMAGENS DAS MULHERES NAS OBRAS DE MARINA COLASANTI

Com extrema sensibilidade e leveza, Marina Colasanti narra de forma singular as particularidades do universo feminino, por meio de seus contos, impregnados de símbolos e imagens. Nos tópicos que seguem, serão observadas as temáticas abordadas pela autora em cinco contos de referência: “A moça tecelã”, “Para que ninguém a quisesse”, “A honra passada a limpo”. “A mulher ramada”, “Sem que fosse tempo de migração”. Além destes, também serão trazidos outros contos de Colasanti, dialogando com outros autores.

3.1. “A moça tecelã”: Submissão feminina e a desmistificação do casamento como fórmula de felicidade

“A moça Tecelã” integra a obra “Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento”, encontrada na biblioteca da escola. O conto também se encontra disponível em: http://www.releituras.com/i_ana_mcolasanti.asp

O conto “A moça tecelã” inicia com um trabalho linguístico que enfatiza a manhã: o claro, a linha clara, a claridade... enfim, imagens do amanhecer, denotando um estado de equilíbrio. A moça tinha o seu tear, isto é, ela tinha o domínio da situação, até que, sentindo-se sozinha, tece um homem para completar a sua vida. Entretanto, a partir da tecitura do “homem”, ocorre o desequilíbrio, pois este, descobrindo o poder mágico do tear, obriga a moça tecelã a realizar os seus caprichos. A personagem, percebendo que nada do que havia idealizado torna-se realidade e sentindo que continuava a viver na solidão, desfaz a tecitura e com ela o homem e seus caprichos.

Atividades:

- 1) No conto observa-se frases como: “exigiu que ela escolhesse as mais belas lãs”; “ordenou que fosse de pedra com arremates de prata”; “sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido”. Que estereótipo masculino estas frases denotam?
- 2) Na narrativa a autora questiona a instituição do casamento, da formação da família e permite à personagem a escolha, por meio de um comportamento de rebeldia, ao destruir o marido, restabelecendo sua individualidade e independência. Como a mulher atual pode conquistar sua independência?

3) A situação de equilíbrio é restabelecida quando a moça tecelã percebe que o marido pode ser eliminado de sua vida e, ao desfazer sua tecitura, ela retorna ao papel de sujeito de sua história. Na sua opinião, como a mulher pode ser sujeito de sua história?

Atividade 2: Dialogando com outros textos

“Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas. Vivem por seus maridos, orgulho e raça de Atenas.”

A letra da música “Mulheres de Atenas”, referencia aspectos da sociedade ateniense, bem como episódios e personagens da mitologia grega. A letra faz uma alusão aos poemas épicos *Ilíada* e *Odisséia*. Penélope, mulher de Ulisses, teve seu marido longe de casa por vinte anos, período em que ela assumiu o comportamento atribuído a uma verdadeira esposa: “digna e fiel”. No entanto, sua beleza atraiu a cobiça de pretendentes que julgavam seu marido morto. Penélope dizia que só escolheria novo companheiro após tecer uma mortalha, a qual passava o dia tecendo e à noite desmanchando o trabalho realizado e implorando à deusa Atena o retorno de seu amado.

Mulheres de Atenas, de Chico Buarque, faz uma retrospectiva de como viviam as mulheres na Grécia Antiga, valendo-se da ideologia de *Odisséia* para chamar a atenção das mulheres que ainda “vivem” por seus maridos.

Reflita: Ainda há mulheres que se anulam para “viver” por seus maridos? Como isso é retratado no conto “A moça tecelã”?

3.2. “Para que ninguém a quisesse”: a violência contra a mulher

“Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos.
(...) Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos. Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradecer.” (COLASANTI, 2009, p. 80-81)⁶

No conto “Para que ninguém a quisesse” nota-se a chamada “violência simbólica”, que segundo Bourdieu, fere mais a “alma” que o corpo. Vítima do ciúme excessivo de seu esposo, a mulher desse conto entrega-se à submissão.

⁶ COLASANTI, Marina. *Um espinho de marfim & outras histórias*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.

O marido, ao retirar da mulher a maquiagem, as roupas bonitas e ao cortar-lhe os cabelos vai, aos poucos, alijando-a de sua vaidade. O que o incomodava era o fato de que outros homens pudessem admirá-la, por isso cortou-lhe os longos cabelos, evidenciando o sentimento de um ciúme obsessivo.

No conto “Para que ninguém a quisesse”, torna-se evidente que o marido não sentia falta da companhia da mulher, mas sim de sua beleza. A mulher se torna uma “sombra”, pois perde os traços que a definiam como mulher, bem como a vaidade.

Outro conto de Marina Colasanti, intitulado “Porém Igualmente”, também traz o tema da violência contra a mulher:

“É uma santa. Diziam os vizinhos. E Dona Eulália apanhando.
É um anjo. Diziam os parentes. E Dona Eulália sangrando.
Porém igualmente se surpreenderam na noite em que, mais bêbado
que de costume, o marido, depois de surrá-la, jogou-a pela janela, e
Dona Eulália rompeu em asas o vôo de sua trajetória.”
(COLASANTI, 2009, p. 44)⁷

O conto, impregnado de carga emocional, tem como personagem Dona Eulália, vítima de agressões do marido alcoólatra. Mulher submissa, era tida como “santa” pelos vizinhos e “anjo” pelos parentes, representando uma metáfora aos seus sofrimentos. Como na vida de tantas mulheres, Dona Eulália submete-se às violências do marido, que a espanca até a morte.

Atividade: Dialogando com outros textos

No conto “Apelo”, de Dalton Trevisan, o personagem masculino implora a volta da “Senhora”. A ausência da mulher é sentida pelo marido na coisas que “a Senhora” deixa de fazer, ou seja, nos afazeres domésticos que lhe eram atribuídos, conforme observa-se nos fragmentos de texto:

“Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina.
(...) As suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa. Calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolha? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os

⁷ COLASANTI, Marina. *Um espinho de marfim e outras histórias*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.

outros: bocas raivas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.” (TREVISAN)⁸

A questão da violência contra a mulher, embora seja um tema de longa data, permanece atual quando discutimos as relações de gênero. Inúmeros são os casos divulgados pelos meios de comunicação e vivenciados no cotidiano. Neste sentido, é importante abordar o tema no contexto escolar, chamando a atenção para as ações de mulheres que lutam contra a violência. A partir do manifesto abaixo, da campanha “Ponto final na violência contra mulheres e meninas” (2010), promover um debate com os alunos sobre as desigualdades de gênero e as formas de violência contra a mulher.



“No enfrentamento à violência de gênero, o movimento de mulheres identifica, há quatro décadas, que a banalização dos fatos, dada sua frequência e proximidade das pessoas, a leva a tornar-se um evento natural nas relações sociais. Faz parte do comportamento humano, portanto, aceitável.

Pelo menos três fatos no dia de hoje confirmam essa tese: o assassinato de Eliza Samudio, jovem que teve um filho com o goleiro Bruno do Flamengo (fato ocorrido em Minas Gerais), o estupro de uma adolescente em Florianópolis pelo filho de empresário de comunicação e o filho de um delegado de polícia, um caso caracterizado como “dorme Cinderela” (Santa Catarina) e agora um caso de estupro de uma mulher numa clínica médica em Porto Alegre, enquanto fazia uma endoscopia com sedação (Rio Grande do Sul). Muitos outros casos poderiam ser arrolados no dia de hoje, segundo a frequência em que ocorrem – 4 por minuto no Brasil (FPA, 2002).

Dados recentemente revelados pelo Mapa da Violência no Brasil 2010, realizado pelo Instituto Zangari, com base no banco de dados do Sistema Único de Saúde (Datapus), revelam a ocorrência de 10 assassinatos de mulheres por dia. Entre 1997 e 2007, 41.532 mulheres morreram vítimas de homicídio — índice de 4,2 assassinadas por 100 mil habitantes. Algumas cidades brasileiras, como Alto Alegre, em Roraima, e Silva Jardim, no Rio de Janeiro, registram índices de homicídio de mulheres perto dos mais altos do mundo.

⁸ Disponível em: http://www.releituras.com/daltontrevisan_apelo.asp. Acesso em 10/07/2010.

As histórias de violência só se tornam alvo de indignação quando chegam aos meios de comunicação, pois no mais das vezes caem no esquecimento, quase sempre na impunidade da lei, mas na maioria dos casos, na impunidade da consciência coletiva, pois simplesmente “esquecemos”, são números de uma estatística macabra, que se perdem nos cotidianos das vidas comuns.

A forma de ver e enfrentar a violência contra mulheres e meninas tem que mudar. São mortes anunciadas, pois o goleiro Bruno já se pronunciara há cerca de dois meses como defensor de uma agressão. Outro colega seu comparou as mulheres com uma bola de futebol que pode ser chutada. O caso Abdelmassih (São Paulo, 2009), mostrou aonde pode chegar o assédio sexual e moral de pacientes em consultório, e a lista de jovens violadas sexualmente no Brasil tem 500 anos, passando pelas indígenas, pelas negras, chegando a todas as classes sociais e lugares.

(...) É preciso denunciar, investigar, punir todos os agressores e matadores de mulheres e meninas. É preciso que a Lei Maria da Penha seja implacavelmente aplicada, sob o risco de o sistema de segurança e justiça ser considerado omissivo e conivente com a violência de gênero, caracterizando como um feminicídio o que se processa no país.

É preciso que a sociedade se indigne e se mobilize para que nenhum caso de violência seja tolerado. A violência contra mulheres e meninas é algo intolerável, inaceitável, fere a consciência da humanidade, é uma violação aos direitos humanos. Afeta a saúde, reduz anos e qualidade de vida das mulheres.

O Brasil, como signatário dos documentos internacionais de direitos humanos das mulheres, e tendo uma legislação nacional a ser cumprida, não pode calar-se e omitir-se.

Espera-se de cada autoridade que faça sua parte. E da sociedade, do movimento de mulheres e de homens pela equidade de gênero, que protestem contra estas manifestações do atraso cultural, do machismo e da omissão.” (CAMPANHA PONTO FINAL, 2010)⁹

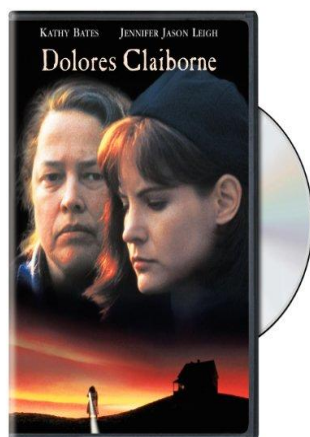
Atividade:

Tecer comentários a respeito da Lei Maria da Penha e a necessidade de criação da Delegacia da Mulher em todos os municípios brasileiros. Abordar também a chamada “violência simbólica”, que funciona como modo de opressão das mulheres.

Atividade complementar:

Sugere-se assistir e debater o filme “Eclipse Total” (1995).

⁹ Disponível em: <http://www.redesaude.org.br/portal/pontofinal/index.php>. Acesso em 08/07/2010.



Breve Resenha:

Em *Eclipse Total*, o medo está presente em muitos momentos do filme. Dolores Claiborne (interpretada por Kathy Bates) é uma mulher amarga, marcada pelo passado, por ser a principal suspeita da morte da sua patroa doente. O detetive da Polícia local (Christopher Plummer) deseja puni-la por esse crime. Muitos anos antes, ela foi suspeita de ter sido a assassina do seu próprio marido. Sua filha Selena (Jennifer Jason Leigh) regressa à terra natal de onde se tinha afastado radicalmente para apurar as circunstâncias em que os acontecimentos se deram.

Eclipse Total retrata o poder infinito da redenção. A relação entre mãe e filha estabelece um confronto violento e dramático. Selena culpabiliza a mãe pela estranha morte do pai. É durante o eclipse que Dolores (tal como o Sol) se esconde na penumbra da noite. E é depois dele que Dolores renasce – tal como o Sol, trazendo luz tanto às maravilhas terrenas como as misérias humanas.

Fonte: <http://cine7.blogspot.com/2007/12/eclipse-total.html>. Acesso em 04/07/2010.

3.3. “A honra passada a limpo”: A mulher no espaço privado

“Sou compulsiva, eu sei. Limpeza e arrumação.
 (...) Sou perseverante, eu sei. À mesa que ponho ninguém senta. Nas camas que arrumo ninguém dorme. Não há ninguém nesta casa, vazia há tanto tempo.
 Mas sem tarefas domésticas, como preencher de feminina honradez a minha vida?”(COLASANTI, 2010, p. 185)¹⁰

¹⁰ COLASANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. São Paulo: Record, 2010.

O conto apresenta como única personagem uma mulher automatizada pelas tarefas domésticas, representando a imagem da mulher que vive no espaço privado, aceitando de forma passiva a condição do estereótipo de que os afazeres domésticos são atribuições que cabem unicamente às mulheres.

Perspectiva semelhante é apresentada em outro conto de Colasanti, intitulada “Nunca descuidando do dever”:

“Jamais permitiria que seu marido fosse para o trabalho com a roupa mal passada, não dissessem os colegas que era esposa descuidada. (...) Debruçada sobre a tábua com molho vigilante, dava caça às dobras, desfazia pregas, aplainava punhos e peitos, afiando o vinco das calças”. (COLASANTI, 2010, p. 29)¹¹

Atividade:

Nas conversas de bar, na internet e em situações diversas, é comum encontrar “piadas” machistas que internalizam o papel da mulher como “dona de casa” e responsável pelos afazeres domésticos: “a mulher molha a barriga no tanque para secar no fogão”.

A partir de alguns estereótipos apresentados nas crônicas de Colasanti, evidenciar situações na mídia que inferiorizam os chamados “papeis femininos”.

3.4. “A mulher ramada”: A perda da identidade feminina

“Parado diante dela, ele olhava e olhava. Perdida estava a perfeição do rosto, perdida a expressão do olhar. Mas do seu amor nada se perdia. Florida, pareceu-lhe ainda mais linda. Nunca Rosamulher fora tão rosa. E seu coração de jardineiro soube que nunca mais teria coragem de podá-la. Nem mesmo para mantê-la presa em seu desenho. E sentindo sua espera a mulher-rosa começou a brotar lançando galhos, abrindo folhas, envolvendo-o em botões, casulo de flores e perfumes.” (COLASANTI, 2006, p. 23-24)¹²

No texto, o jardineiro é a simbologia do homem nas relações de gênero. A metáfora do “podar”, significa extrair da mulher a sua essência. A obra enfatiza a questão feminina, o ser mulher. Há uma relação entre a mulher e uma flor, em termos de beleza e sensibilidade.

¹¹ COLASANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. São Paulo: Record, 2010.

¹² COLASANTI, Marina. *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. 12ª ed. São Paulo: Global, 2006.

Atividade 1: Dialogando com outros textos (Martha Medeiros e Luís Fernando Veríssimo)

A idéia de um conto de fadas projeta determinada imagem idealizada da mulher e do amor. Historicamente, os contos de fada mostravam mulheres belas e destituídas de poder e autonomia, como nas conhecidas histórias infantis. Os textos que seguem – intitulados “Conto de fadas diferente”, de Martha Medeiros, e “Mais um conto de fadas”, de Luís Fernando Veríssimo - apresentam uma outra perspectiva do “feminino”, desconstruindo estereótipos de gênero.

“Era uma vez uma menina que, ao virar mulher, descobriu que casar era tudo o que a família esperava dela. É claro que seus pais ficavam felizes com suas boas notas na escola e com a carreira que ela havia escolhido, mas o que eles mais queriam saber, juntamente com os avós e as tias, é se ela havia conhecido alguém interessante na festa da noite anterior, e se este alguém viria a se tornar um namorado. A moça tinha sonhos de viajar, conhecer outros lugares, e a família dizia que ela conheceria quando partisse em lua-de-mel.

(...) Ela não se apaixonou, mas conheceu um cara legal, que pensava parecido com ela, e os dois namoraram e depois, sob aplausos da platéia, casaram. Tiveram três filhos. Ela tinha um emprego, ele tinha um emprego. Eram populares, católicos e felizes.

Passaram-se os anos e eles seguiam populares, católicos e felizes. (...) Os filhos cresciam e a moça passava os dias cada vez mais anestesiada pela rotina (...). E assim caminhavam todos para o final desta história quando surgiu um homem não se sabe de onde e reparou que ela parecia morta, mas não estava. Achou-a linda e deu-lhe um beijo. Ela acordou e sua vida começou a ser contada sob um novo ponto de vista.” (MEDEIROS)¹³

“Era uma vez... numa terra muito distante...uma princesa linda, independente e cheia de auto-estima. Ela se deparou com uma rã enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo era relaxante e ecológico...

Então, a rã pulou para o seu colo e disse: linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito. Uma bruxa má lançou-me um encanto e transformei-me nesta rã asquerosa.

Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir lar feliz no teu lindo castelo. A tua mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavar as minhas roupas, criar os nossos filhos e seríamos felizes para sempre...

Naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã sauté, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria, pensando consigo mesma:

¹³ Disponível em: www.rabisco.com.br/01/martha.htm. Acesso em: 30/06/2010

- Eu, hein?... nem morta!” (VERÍSSIMO)¹⁴

Atividade:

Solicitar que o(a) aluno(a) produza o seu “conto de fadas”, fazendo uma intertextualidade com os contos lidos.

3.5. “Sem que fosse tempo de migração”: O patriarcado e a transgressão feminina

“Embora vivendo na gaiola há tantos anos, sua esposa não cantava. Nem ele a culpava por isso. Bastava-lhe a presença vivificando a casa. Com quanto amor cuidava dela, trocando sua água todo dia, providenciando alimentos que só lhe fizessem bem à saúde. (...) Sim, a vida conjugal era cheia de alegrias, repetia para si mesmo quando, chegando e casa com um pacotinho de uvas, deparou-se com a portinhola aberta. (COLASANTI, 2010, p. 201)¹⁵

No conto, a figura masculina representa o patriarcalismo, mantendo-se como a figura central do casamento. O conto é uma metáfora à transgressão da mulher, que subverte a posição de dominação e, ao abrir a porta da gaiola, busca a liberdade. No conto, Colasanti questiona a legitimação da estrutura familiar, silenciada pela opressão (sua esposa não cantava). Ao alçar vôo, a mulher mostra que é capaz de construir sua história e seu destino.

Atividade: Diálogo com Adélia Prado (“Briga no beco”)

“Encontrei meu marido às três horas da tarde
com uma loura oxidada.
Tomavam guaraná e riam, os desavergonhados.
Ataquei-os por trás com mãos e palavras
que nunca suspeitei conhecer.

(...) Gritei, gritei, gritei, até a cratera exaurir-se.
Quando não pude mais fiquei rígida,
as mãos na garganta dele, nós dois petrificados,
eu sem tocar o chão. Quando abri os olhos,
as mulheres abriam alas, me tocando, me pedindo
graças.
Desde então faço milagres.” (PRADO, 1991)¹⁶

¹⁴ Disponível em: http://www.pensador.info/conto_de_fadas/. Acesso em 05/07/2010

¹⁵ COLASANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. São Paulo: Record, 2010.

¹⁶ Texto extraído do livro "Adélia Prado - Poesia Reunida". São Paulo: Ed. Siciliano, 1991.

O conto “Sem que fosse tempo de migração”, de Marina Colasanti, apresenta a imagem da mulher que subverte a condição de dominação do marido. A poesia “Briga no beco” também evidencia a subversão feminina, pois é a mulher que enfrenta o marido ao negar o estereótipo “homem pode”; e por subverter esta posição é idolatrada, como evidenciam os versos: “as mulheres abriam alas, me tocando, me pedindo graças. Desde então faço milagres”.

Atividade:

Chiquinha Gonzaga, Zilda Arns, Maria da Penha são exemplos de mulheres que subverteram a ordem social e por isso “fazem milagres”. Pesquise em livros, jornais ou revistas histórias de mulheres brasileiras transgressoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: IMAGENS DA MULHER

Ao longo deste material didático-pedagógico, foi realizada a análise da imagem da mulher em contos de Marina Colasanti, impregnados de construções e de metáforas, com abordagem nas tensões existentes nas relações de gênero.

Quando se fala de imagens da mulher, não há como desconsiderar, na atualidade, o papel dos meios de comunicação na construção de estereótipos e representações femininas. Desse modo, sendo os meios midiáticos espaços da consciência pública, torna-se importante estabelecer relações entre a literatura de Marina Colasanti e as representações atuais das mulheres. Para tanto, pretende-se, como parte final desta unidade temática, oportunizar aos alunos e alunas o vídeo resultante do seminário "Controle social da imagem da mulher na mídia", promovido pela rede "Mulher e mídia", realizado em 2009, disponível no link: <http://vimeo.com/13125905>. Nele constam imagens de mulheres em propagandas, programas humorísticos e de auditório e as denominadas "mulheres objeto". Pretende-se com a análise do vídeo promover entre os alunos uma reflexão sobre as representações das mulheres, contribuindo assim para a identificação e a desconstrução de estereótipos de gênero.

Atividade:

Produzir um texto literário (preferencialmente no gênero "conto"), apresentando imagens de personagens femininas transgressoras, que rompam os estereótipos tradicionalmente atribuídos à mulher.

REFERÊNCIAS:

- BARZOTTO, Leoné Astride. *O universo feminino revelado nos contos de Marina Colasanti*. Londrina: Línguas e Letras, 2008, p. 189-200.
- BRASIL. *Plano Nacional de Políticas para Mulheres*. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Brasília, 2009.
- COLASANTI, Marina. *A nova mulher*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1980.
- COLASANTI, Marina. *Um espinho de marfim & outras histórias*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009
- COLASANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. São Paulo: Record, 2010.
- COLASANTI, Marina. *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. 12ª ed. São Paulo: Global, 2006.
- COSTA, Eliane Batista. *A construção da personagem feminina em contos de amor rasgados*. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais15/alfabetica/CostaElianeBatista.htm>. Acesso em 23/02/2010
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes curriculares da educação básica*. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 2008.
- PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Ed. Siciliano, 1991.